

COMO SURGIRAM AS RAÇAS HUMANAS

O preconceito racial é tão antigo quanto o homem.

Partindo da tribo primitiva, através das antigas culturas orientais e clássicas, até atingir os modernos povos ocidentais, quase todos com as mãos sujas com o comércio de escravos africanos e massacres sucessivos de ameríndios, vamos sempre encontrar o mais detestável dos etnocentrismos a superintender as relações humanas.

E isso se reflete até nas lendas e explicações que visam resolver as origens da nossa espécie com suas várias raças.

No Brasil, também aparecem algumas dessas versões visivelmente imbuidas de desprezo e autêntico espírito sarcástico, conservadas perpétuamente pela memória assás fiel das nossas massas sertanejas e urbanas, até certo ponto. Vejamos algumas delas.

Em Minas Gerais, o povo interpreta a diferença entre pretos e brancos, como sendo o resultado de resmungos do preto contra Deus. Tendo sido criados o branco e o negro, diferentes apenas na cor, este, não satisfeito, pôs-se a resmungar, alegando falta de justiça, pelo que, enraivecido, Deus lhe deu um murro no nariz, achatando-lho, ao mesmo tempo que lhe engrossava os lábios pela atrevida e sarcástica atitude. O negro começou a chorar e Deus, então, compadecido em sua imensa misericórdia, resolveu agradá-lo, passando-lhe a divina mão pelos cabelos ainda lisos, mas que, com as carícias paternais, se encarapinharam, desproporcionalmente, dentro de pouco tempo.

És porque são diferentes o branco e o negro.

No Paraná, há também dessas explicações.

Uma delas, contada por um preto velho, resume-se, mais ou menos, nestas palavras: No começo do mundo, tudo era igual. E Deus, querendo registrar todos os homens, colocou-os em praticas (a cabeça somente), pondo ao lado um tinteiro com mata-dorão. De repente, bate um vento forte e vira o tinteiro, cujo conteúdo vai atingir várias cabeças. As atingidas conservam a tinta até hoje, sendo, portanto, as pessoas de cor.

Lindolfo Gomes, o incansável folclorista mineiro, apresenta várias versões, das quais escolhemos esta: "Dizem que antigamente todos os homens eram negros. Vai então Deus viu, um dia, três irmãos lamentando com muito pranto a morte de seu pai. Deus ficou muito penalizado e resolveu consolar-os, de algum modo, em tanto sofrimento. Disse-lhes que havia uma fonte de água muito pura e cristalina, da qual, se neia se lavassem, poderiam sair tão brancos como a neve. Um dos irmãos atinou: — Não acredito em tal maravilha. Nem sequer tentarei a experiência.

O segundo disse: — Irei ver essa fonte maravilhosa. O Terceiro disse: — Irei lavar-me nessa fonte e, quando dela sair, estarei branco e perfeito.

E, dizendo isto, foi lançar-se ao meio da fonte, de onde saiu com a pele miseravelmente branca. Vendo-o, o segundo correu a imitá-lo, mas encontrou a água já alterada, de maneira que, após o banho, ficou ele com o corpo apenas avermelhado. O primeiro, já não duvidando do milagre, correu também à fonte, mas, havia já tão pouca água que apenas pôde nela lavar a planta dos pés e a palma das mãos.

E assim foi que apareceram as três raças, a branca, a vermelha e a negra.

O preconceito contra o negro perdura, no seio das massas, e à menor rusga com alguém suspeito, logo o "branco" se sai com expressões assim: "Negro sujo", "De negro não se podia esperar outra coisa", "Fêz serviço de Negro", etc.

A propósito, talentoso poeta pontagrossense, querendo provar que semelhante etnocentrismo vem à tona, por qualquer coisa, compôs estes versos, inspirados nas lendas antigas do folclore brasileiro:

A CRIAÇÃO DO NEGRO

Quando o Senhor criou o Homem primitivo,

Lucifer o imitou, só prá lhe causar dano;
Forjou um filho — negro, estúpido e agressivo.
Indo às pressas lavá-lo em santo rio, ufanô...

O Jordão se afastou, temeroso e furtivo,
Negando-se a banhar o negro espetro humano;
E o Diabo, que é feroz, sinistro e vingativo,
Com um murro achatou o nariz do africano.

Condoído, lhe passou a mão na fronte espúria,
Encrespando-lhe a grenha e entorpecendo o juízo,
Incutindo em seu peito a preguiça e a luxúria.

Com um beijo e um pontapé o despediu, valsando.
É o Negro, que imagina estar no Paraíso,
Passa a vida a folgar, só bebendo e dançando...

(Do Folklore Brasileiro).

Compilado por Benedito Caraça.